



acervo

roteiros de visita

apresentação

O Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP) foi criado em 1963, quando a Universidade de São Paulo recebeu de Francisco Matarazzo Sobrinho, Ciccillo, então presidente do Museu de Arte Moderna de São Paulo, o acervo que constituía o MAM SP. Além desse acervo transferido para a USP, Matarazzo e sua mulher, Yolanda Penteadó, doaram ao novo museu suas coleções particulares, às quais se somaram aquelas efetuadas pela Fundação Nelson Rockefeller e os prêmios das Bienais Internacionais de São Paulo.

Hoje o MAC USP possui mais de 8 mil obras entre pinturas, desenhos, gravuras, fotografias, esculturas, objetos, instalações e trabalhos conceituais, constituindo um importante acervo de arte moderna e contemporânea, relevante patrimônio cultural na América Latina.

Como museu universitário, o MAC USP é um local de pesquisa, de formação educacional e de produção de conhecimento. Além das exposições,

oferece diversas atividades e serviços como disciplinas optativas, cursos de extensão cultural, ateliês, visitas orientadas, site na internet e biblioteca especializada.

A Divisão Técnico - Científica de Educação e Arte (DTCEA) concentra sua atuação no desenvolvimento de materiais educativos, na formação de monitores, na organização de exposições didáticas, em programas para públicos diversos, cursos à comunidade e em publicações que têm como objetivo geral favorecer um contato mais efetivo entre a obra e público visitante, especialmente professores e estudantes.

Dentro dessa proposta e com o patrocínio da Fundação Vitae, a equipe de educadores produziu o Acervo: Roteiros de Visita. Esse material propicia aos pesquisadores, professores e alunos recursos preparatórios e avaliativos de visitas ao museu universitário. Valoriza a idéia de museu também como "sala de aula", dinamizando processos criativos e a interatividade nas áreas do conhecimento.

Elza Ajzenberg
Diretora do MAC USP

Colega professor/a,

Nos últimos anos os museus afirmaram-se como espaços de educação essenciais no processo de ensino e aprendizagem. Cabe aos educadores de museus desenvolver recursos que intensifiquem a utilização desse potencial educativo privilegiado. No caso específico do ensino de arte, o contato com as obras originais é insubstituível. Desde 1984 - ano em que começa a ser estruturado o setor de Arte-Educação do MAC USP, hoje Divisão Técnico-Científica de Educação e Arte - temos desenvolvido formas de abordagens pedagógicas da arte e colaborado com a formação do público de arte contemporânea.

Acervo: Roteiros de Visita foi criado com o objetivo de estimular a proximidade de professores e alunos com as obras do acervo do MAC USP, por meio de recursos que auxiliem no planejamento, no aproveitamento e no desdobramento das visitas ao museu.

Pretendemos com o uso deste material didático que você se sinta mais confortável e com maior autonomia ao percorrer as exposições do MAC USP com os seus alunos.

Cada ficha, como esta, é acompanhada pela reprodução de uma das 50 obras do acervo do MAC USP selecionadas para compor este material. Os critérios para a escolha das obras foram a sua relevância dentro de um determinado panorama da arte do século XX e a sua recorrente seleção pelas curadorias do museu, garantindo que este material possa, de fato, ser utilizado em paralelo às exposições.

Os conteúdos são abordados de modo a incentivar a postura de professor pesquisador. Queremos trocar experiências, acreditando que juntos poderemos aprimorar nossa práxis educacional e cultivar valores necessários à sociedade contemporânea.

Bom trabalho!

Christiana Moraes e Maria Angela Serri Francoio
Divisão Técnico-Científica de Educação e Arte



Iran do Espírito Santo nasce no interior do Estado de São Paulo e, desde adolescente, interessa-se pela representação das imagens, trabalhando como assistente de um fotógrafo em sua juventude. O encanto pela luz como modeladora de formas leva-o ao desenho, que ele desenvolve no curso de Artes Plásticas da Fundação Armando Álvares Penteado (Faap), em São Paulo, no qual estuda com NELSON LEIRNER e REGINA SILVEIRA, entre outros.

O início dos anos 1980 foi um período de efervescência nas artes, durante o qual floresceu a chamada **Geração 80**, reunião de artistas que contestavam uma prática artística de cunho mais racional, em nome de um retorno ao fazer artesanal, especialmente por meio da pintura e de citações da História da Arte, de acordo com um contexto maior da discussão ao redor do conceito de **Pós-Modernidade**.

O jovem artista, entretanto, assim como seus colegas Ana Tavares, Mônica Nador, LEDA CATUNDA, Caetano de Almeida e Edgar de Souza, filtrando sua formação conceitual e mesclando-a com os anseios daquele momento, desenvolve um processo de trabalho essencialmente crítico quanto às regras e aos códigos do desenho e da arte. Ampara-se em uma prática artesanal que freqüentemente tira partido de um padrão médio do gosto, no qual o senso comum do que seja "bonito" cria um embate com a noção de "belo", e o grande ideal estético e filosófico da arte cruza-se com a prática cotidiana de seu caráter decorativo.

Sua trajetória profissional inicia-se com duas exposições marcantes no panorama paulista por introduzir no circuito uma nova geração de artistas: Arte na Rua II, organizada pelo MAC USP em 1984 e a mostra E o Desenho?, realizada em 1985 na Galeria Humberto Tecidos. Participa também das exposições A Nova Dimensão do Objeto, em 1986, e Imagens de Segunda Geração, em 1987, ambas no MAC USP e das Bienais de São Paulo (1987) e Veneza (1999). Realiza estudos na Inglaterra e no Canadá. Sua primeira individual acontece na Galeria Luisa Strina em 1992. Em 1993, freqüenta o Tamarind Institute, nos Estados Unidos, onde produz uma série de monotipias explorando linhas e texturas, que para o artista discutem a presença de uma

herança de abstração e neutralidade estética.

Voltado essencialmente para a representação dos objetos do cotidiano através do desenho, de objetos tridimensionais ou instalações, o artista discute a condição do "simulacro" no mundo contemporâneo, na qual as matérias transformam-se ilusionisticamente em outras ao serem manipuladas pelos códigos da visualidade. Criam-se novas realidades virtuais e inexistentes, e ao mesmo tempo, nem por isso menos banais. "O desenho está na base de praticamente tudo o que faço e sempre foi minha forma predileta de aproximação com a arte."¹

Segundo Kátia Canton, "[...] tudo o que ele faz é extremamente organizado, sintetizado, racionalizado. Ele tem atração pelos cinzas, tira de qualquer objeto apenas o que julga essencial e [...] só cria o que pode dar corpo a discussões sobre a representação, o modo de perceber, as expectativas da visão. Mas, na verdade, é a combinação de um extremo rigor e austeridade com um toque de humor e originalidade no uso dos materiais e suportes e uma crítica sutil dirigida a quase tudo que diz respeito ao mundo - política, ecologia, economia - que faz a combinação bem-sucedida da obra de Iran."²

Problematizando, através dos processos de "mimese" visual, material ou arquitetural, o lugar simbólico que ocupam os objetos utilitários, decorativos e artísticos no imaginário urbano, o artista representa uma corrente crítica e reflexiva da arte brasileira contemporânea, herdeira das tendências internacionais iniciadas com a obra de Marcel Duchamp.

¹ Iran do Espírito Santo *apud* Angélica de Moraes, "Iran do Espírito Santo leva suas moedas a Veneza", *O Estado de São Paulo*, 29 mar.1999, Caderno 2, p. D10.
² CANTON, 1999, nº 21, p. 48-49.

Sem Título, 1985
esmalte sintético sobre lona,
91 x 129,5 cm
Doação AAMAC

Esta obra faz parte da fase inicial da carreira do artista, na qual o desenho e seu caráter bidimensional, são predominantes. Entretanto, a sua escala, o uso de tinta industrial sobre lona e o recorte da forma estabelecem uma proximidade com as linguagens da pintura e do objeto, freqüentes no circuito artístico no momento de sua produção. Segundo o artista: "[...] esses trabalhos que fiz com lona são sutilmente tridimensionais, pois têm a ver com a idéia, vêm com o desenho, reivindicam uma perspectiva e quase saem da parede, muito sutilmente. Acontecem ondulações só de tecido. [...] Quer dizer, são bidimensionais e não são, existe uma ambigüidade." ¹

O fundo preto e os traços prateados fazem parte do repertório básico de cores utilizado pelo artista, que encontra na gama de cinzas um modelo que corresponde ao seu caráter eminentemente gráfico e sintético.

A imagem representa um objeto cotidiano, um toca-disco de vinil com uma caixa acústica a seu lado, um aparelho doméstico ainda bastante comum na época, e que agora, devido a sua substituição pelo *CD player*, pode nos parecer um tanto nostálgico e até mesmo *kitsch*.

O uso predominante de retas concede um caráter moderno ao objeto, aludindo ao "bom *design*" praticado pela Escola de Ulm da Alemanha pós-Segunda Guerra, e exemplificado pelos eletrodomésticos produzidos pela indústria Braun.

É esta economia de linguagem, somada ao apelo de uma representação familiar, que pode nos levar a entender a intenção do artista, ao mesmo tempo afirmando um código e o desconstruindo. Sobre essa ambigüidade, podemos citar Martin Grossmann: "Enquanto a ação nos 'objetos' de Iran está nitidamente marcada pelas heranças históricas provenientes do **Dadá**, Surrealismo, Duchamp e Pop, a presença, camuflada pelos valores estéticos tão bem dimensionados e pela perfeita adequação dos meios, provoca um penetrante estranhamento. Esta 'sensação' advém certamente de uma ação (obra/observador) deleitosamente irônica, cínica e destacadamente crítica que está relacionada à questão matéria/material." ²

¹ CHAIMOVICH, 2000, p. 8.

² Martin Grossmann, *Mimeo.*, São Paulo, MAC USP, set.1987.

Professor/a, ouça os alunos diante dessa obra:

Os alunos reconhecem o objeto imediatamente? Eles identificam essa espécie de toca-discos, também conhecido pelo nome de vitrola?
Trata-se de uma representação convencional de um utilitário?
É possível reconhecer a qualidade técnica de seu desenho?
Em qual local da casa eles a colocariam: na sala de estar, na cozinha ou no banheiro?
Arte são os objetos que têm a função de decorar determinado ambiente da casa? Por quê?
Por quê uma lona pintada em forma de vitrola é um objeto artístico?
Quais são os objetos utilizados hoje para a reprodução ou veiculação de músicas?
Seus alunos teriam vontade de representar esses objetos em seus tamanhos naturais? Recomende a utilização de procedimentos do desenho e da pintura.

Qual diferença entre pintar a imagem de um toca-disco (ou outro equipamento semelhante) e colocá-la na parede como um "quadro", e pendurar o próprio aparelho na parede?

Quais são as realidades ou idéias de realidade aqui abordadas?

Leia atentamente os textos dessa ficha e responda:

Você concorda que Iran do Espírito Santo questiona, com esse trabalho, o próprio universo da arte? Por quê? Lembre-se que esta obra pertence a um museu e que, portanto, o artista está questionando o sistema da arte que o legitima. Considerando que Iran questiona o gosto médio do público, você arriscaria um palpite sobre a recepção de seus trabalhos pelo público não especializado em arte?

A leitura do texto "O boom, o pós-boom e o dis-boom" ¹ pode auxiliá-lo no preparo de uma discussão ampla com os alunos sobre como são caracterizados:

O sistema da arte: envolve os artistas, exposições, eventos especiais, museus, galerias, centros culturais, críticos, historiadores da arte, livros de arte, catálogos, jornalistas especializados, revistas especializadas, cadernos e encartes de jornais e revistas, prêmios, mercado de arte.

O mercado de arte: compra e venda de obras de arte, galerias, *marchands* (comerciantes de obras de arte), leilões e suas cotações.

A partir do posicionamento crítico do artista, notadamente questionador e irônico em relação ao suporte, à representação e ao lugar simbólico da arte, proponha aos alunos, em grupos, uma reflexão partindo de um aspecto da sociedade brasileira contemporânea que gostariam de pensar e questionar de forma humorística. Pode ser um acontecimento recente, ou mais aproximado à realidade deles, um aspecto cotidiano da escola em que estudam. Essa reflexão pode gerar uma atividade artística coletiva por meio de um desenho, uma pintura, a construção de um objeto, uma performance, uma poesia, uma instalação.

Uma pesquisa sobre a Geração 80 e a Pós-Modernidade aprofundaria a abordagem sobre esse artista.

¹ BASBAUM, 2001, p.179.

Professor/a, **Acervo: Roteiros de Visita** disponibiliza outras 49 fichas como esta com as quais você terá subsídios para tecer relações entre as obras. As imagens reproduzidas neste material podem ser organizadas em torno de uma idéia construindo um roteiro, ou seja, um caminho através do qual se conta uma história, um elo entre as obras que se intensifica por meio de uma intenção.

Pesquise, dentre as obras disponíveis, quais conexões podem ser estabelecidas, considerando o seu planejamento pedagógico e a realidade do seu grupo de alunos.

A equipe de educadores do MAC USP sugere alguns indicativos de roteiros. Observe que há diversas maneiras de conduzi-los e você pode explorar as obras desta coleção agrupando-as segundo vários critérios:

- aspectos formais;
- propostas conceituais;
- períodos históricos (Ditadura Militar, a década de 1980, século XXI etc);
- movimentos artísticos (Cubismo, Futurismo, Surrealismo, Abstracionismo etc);
- linguagens plásticas (pintura, grafite, assemblage, escultura, objeto, instalação etc);
- gêneros artísticos (retrato, auto-retrato, figura humana, paisagem, natureza-morta);
- temática (arte e política, masculino e feminino, abstração e figuração, moderno e contemporâneo, mestres e alunos, arte e meio ambiente, arte e tecnologia, objetos do cotidiano, artistas mulheres, relações entre as artes visuais e outras linguagens artísticas etc);
- interesses dos alunos;
- temas transversais.

Essas são algumas possibilidades, você pode descobrir muitas outras!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASBAUM, Ricardo (org.) *Arte contemporânea brasileira: texturas, dicções, ficções, estratégias*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001.
- Bienal Brasil Século XX*. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 1994.
- BOTERO, Regina (org.) *Skultura*. Edição Especial MAC. São Paulo: Ed. Arte Tridimensional., 1989.
- CANTON, Kátia. "Representação em Xequê: rigor, originalidade e humor de Iran do Espírito Santo". In *Bravo*, v.2, n.21, 1999.
- CHAIMOVICH, Felipe. *Iran do Espírito Santo*. São Paulo: Cosac & Naify, 2000.
- CHIARELLI, Tadeu. *Arte Internacional Brasileira*. São Paulo: Lemos, 1999.
- CHIARELLI, Tadeu. *Imagens de segunda geração*. São Paulo: Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, 1987.
- Coleção MAC Collection*. Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo. São Paulo: Comunique, 2003.
- FAGUNDES, Carlos E. Uchôa. "Iran do Espírito Santo joga com tramas". In *Folha de S. Paulo*, 14 mar. 1995. Ilustrada.
- MORAES, Angélica de. "Iran do Espírito Santo leva suas moedas a Veneza". In *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 29 mar.1999, Caderno 2.
- O Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo*. São Paulo: Banco Safra, 1990.
- PEDROSA, Adriano (org.). *Nelson Leimer e Iran do Espírito Santo: 48ª Biennale di Venezia - Padiglione Brasile*. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 1999.
- Perfil de um acervo - MAC USP*. São Paulo: Editora Ex Libre, 1988.
- PONTUAL, Roberto. *Entre Dois Séculos: a arte brasileira do século XX na coleção Gilberto Chateaubriand*. Rio de Janeiro: JB, 1987.
- Tradição e Ruptura*. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 1984.
- Tridimensionalidade: arte brasileira do século XX*. 2ª ed. São Paulo: Itaú Cultural: Cosac & Naify, 1999.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor • Adolpho José Melfi
 Vice-Reitor • Hélio Nogueira da Cruz
 Pró-Reitora de Graduação • Sônia Teresinha de Sousa Penin
 Pró-Reitora de Pós-Graduação • Suely Vilela
 Pró-Reitor de Pesquisa • Luiz Nunes de Oliveira
 Pró-Reitor de Cultura e Extensão Universitária • Adilson Avansi de Abreu
 Secretária Geral • Nina Beatriz Stocco Ranieri

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA

Diretora • Elza Ajzenberg
 Vice-Diretor • Kabengele Munanga
 Divisão Técnico-Científica de Acervo • Ariane Soeli Lavezzo
 Divisão Administrativa • Paulo Roberto Amaral Barbosa
 Divisão Técnico-Científica de Educação e Arte • Christiana Moraes e Maria Angela Serri Francoio (suplente)
 Divisão de Pesquisa em Arte - Teoria e Crítica • Helouise Costa
 Biblioteca Lourival Gomes Machado • Lauci Bortoluci

Acervo • Roteiros de Visita
 Apoio • Fundação Vítæ
 Concepção e Realização • Divisão Técnico-Científica de Educação e Arte

Educadores MAC USP • Christiana Moraes; Evandro Carlos Nicolau; Maria Angela Serri Francoio; Renata Sant'Anna de Godoy Pereira; Sylvio da Cunha Coutinho.

Coordenação Geral • Christiana Moraes e Maria Angela Serri Francoio
 Consultora em Educação • Heloisa Margarido Sales

Textos de Contextualização e Leitura de Obras • Inform art Arte & design Ltda Vinício Frezza (coord.); Marco Antonio de Andrade; Silvana Brunelli e Sérgio Moraes Bonilha (assistente de pesquisa).
 Pesquisa Adicional, Adequação e Revisão dos Textos • Christiana Moraes e Maria Angela Serri Francoio.

Projeto Inicial • Maria Helena Pires Martins e Sylvio da Cunha Coutinho
 Secretária • Glória Araújo Antunes

Colaboradores • Anderson Cavalcante Rei (estagiário-monitor); Claudinei Roberto da Silva (estagiário-monitor); Eveline Maria P. da Silva (bolsista COSEAS); Flora Tosca A. A. Pescarini; Julio César de S. Reis (bolsista Cnpq Pibic); Karin Priscilla de Lima (estagiária-monitora); Leonardo Aparecido Mendonça T. Severiano (bolsista COSEAS); Marcela Vieira (bolsista COSEAS); Renê Miguel da Trindade (bolsista COSEAS); Sérgio Hannemann (bolsista COSEAS); Soraya Valto Braz (bolsista COSEAS);

Agradecimentos Especiais • Heloisa Margarido Sales; Claudinei Roberto da Silva; Marcela Vieira; Soraya Valto Brás e Christiane Suplicy T. Curioni.

Projeto Gráfico • Elaine Maziero

Arte Final • Carla C. do Carmo

Impressão • Augusto Associados

2004 • MAC USP • Rua da Reitoria, 160
 05508-900 • Cidade Universitária • São Paulo • SP
 Email: educativo-roteiros@usp.br

APOIO:

